

sistema que edificaram, os germens que haviam de conduzir à encruzilhada actual.

Na literatura, um tal estado de consciência alienada do homem que voga ao sabor da realidade sem poder para lhe interpretar o sentido traduz-se em obras que só são grandes como documentos da própria decadência; exacerbamento do poder de análise até às mínimas particularidades em que o sentido duma visão sintética se perdeu; e na tendência para o formal em que se busca, ao mesmo tempo, um repouso à consciência angustiada e um novo sentido estético que nem sempre tem sido improdutivo mas que se esgota no esforço inglório de deduzir da forma um conteúdo. Foi êste o sentido da literatura dum Lawrence, dum Proust, dum Wild, dum Baudelaire, dum Tomaz Mann e outros. Na arte de todos êstes escritores — a que certamente não vamos negar valor mas que também não caímos no êrro de afirmar que sejam «os únicos» —, existe a predominância de pontos de vista estéticos, místicos, pretendendo focar a vida através dos aspectos semi-inconscientes por que ela se reflete na mente do homem ou buscando conteúdo no exotismo das sensações *exquises*. Como no romantismo clássico, tudo afinal ainda aqui se resume essencialmente a sentimentos — embora êstes vejam o seu campo recuado para o das tendências ocultas, do inconsciente, da intuição, do instinto ou da mística. O real só nos aparece parcelarmente representado com nitidez em tais obras onde é bem manifesta a busca do efeito, a impossibilidade duma representação que o compreenda na sua totalidade (1) e a deformação — quantas

vezes propositada! — de quási todos os aspectos objectivos, materiais da existência. A realidade das figuras que em tal literatura se movem é tôda psicológica; vivem em grande parte, de habilidades do escritor e servem quási sempre de meio de expressão para as suas concepções: nenhum ponto de contacto profundo entre êsses títeres que só vivem da vida que o escritor lhes empresta e os homens de carne e ôsso que actuam na existência cotidiana, que são o produto de determinado condicionalismo social e se movem portanto num ambiente dado. Os problemas que, na prática e ao comum das pessoas, se revelam essenciais são relegados para segundo plano sistemáticamente. E' a êste falseamento da vida que conduz afinal a falta de consciência das realidades, a fuga perante o real. Porque tal literatura é um reflexo duma decadência classista, expressão de consciência alienada no limiar do período histórico em que há já condições para uma recuperação de si mesma mas que se sente impotente para o fazer. E nela acentua-se, por isso, o desequilíbrio do mundo contemporâneo, por uma forma angustiosa e, ao mesmo tempo, insolúvel.

No polo opôsto, ergue-se uma arte que pretende traduzir em si a vida da nossa época e que procura construir-se a partir do homem que volta a tomar consciência de si mesmo. Nesta corrente há já os germens do equilíbrio futuro para que se dirigem os desequilíbrios actuais da história humana. Entre todas as expressões de angústia — por vezes angustiada ela própria —, vem trazer-nos uma forte dose de optimismo consciente, confiante nos destinos do

e partir dele para as suas criações que, no entanto, serão sempre representações da vida através das suas manifestações parcelares. Caso contrário, não poderíamos distinguir o tratado da obra de arte...

(1) Não é que entendamos que o artista deva dar-nos o real *na sua totalidade* mas sim que é útil para o artista compreender a totalidade do real, ter um sentido coordenado e geral da vida